

DIRECTOR — M. Caetano Fidalgo — **EDITOR** — A. Augusto de Oliveira — **ADMINISTRADOR**—Alvaro Magalhães
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:
 Gráfica do Vouga-Telefone 22746—R. do Batalhão de Caçadores Dez

Colóquio DO Vouga

AVEIRO, 20 DE JANEIRO DE 1967 * ANO XXXVII * NÚMERO 1831

AS "JANEIRAS,"

UMA CRÓNICA DE CAROLINA HOMEM CHRISTO

Onde vão elas, as «Janeiras» da minha infância e mocidade?

Ao ler, não sei onde, há dois ou três dias, que o «Carol», a canção tradicional do Natal inglês, inundava a atmosfera de Londres através da rádio, de discos tocados nos estabelecimentos e casas particulares e que grupos de crianças e estudantes continuavam, como sempre, a percorrer as ruas cantando vários «Carols» e fazendo peditórios para fundos de beneficência, lembrei-me das nossas «Janeiras», tão bonitas, tão cor-de-deas, que desapareceram não sei porquê, como tem desaparecido, afinal, a maioria dos nossos velhos costumes e tradições.

Faz tanta pena ver que se perdem, que morrem essas coisas que estabeleciam uma convivência, uma intimidade confiante, até, se quiserem, um elo de solidariedade entre classes sociais diferentes que assim se habituavam a uma galanteria entre si, uma gentileza mútua tão simpática!

Os mais ricos abriam as portas aos que na escala social lhes eram inferiores. Se não lhes davam muito, recebiam com afabilidade e sorrisos as cortesias Boas-Festas que lhes vinham desejar

cantando as «Janeiras», com versinhos alusivos às pessoas da casa, e que, com uma simples troca de nomes ou pequenos pormenores, serviam para toda a gente.

Era uma alegria para uns e para outros. Uma oportunidade de mutuamente se cumprimentarem, expressar votos de felicidade para o ano que ia começar, criando um ambiente de comunicabilidade que mantinha uma ligação amistosa de classe para classe, atenuando a frieza que no geral as afasta e desinteressa.

A quantidade de grupos que apareciam a cantar as «Janeiras» a cada porta indicava a simpatia de que gozavam os donos da casa e a sua maior ou menor fama de generosidade.

As portas dos considerados «fonas» e soberbos, não havia cantigas nem alegria. E muitas vezes ouviam-se os grupos ao passarem à ilharga, gritar, trocistas: «Esta casa cheira a unto, aqui mora algum defunto»... «Esta casa cheira a breu, aqui mora algum judeu»...

E para não ouvir isto, até os menos sociáveis e mais sovinas se forçavam, muitas vezes, a seguir a regra geral...

Nas casas abastadas e solares da Beira, foi onde vi as «Janeiras» mais concorridas e bonitas, pois as entradas vastas permitiam aos grupos abrigar-se do frio rigoroso dessas noites do fim do ano até aos Reis e aos festejados retri-

buir as Boas-Festas, pessoalmente, o que sucedia muita vez, ou através dos criados e filhos da casa com larga distribuição de castanhas, maçãs, nozes, figos, um «mata-bicho» para aquecer, e dinheiro, aos grupos mais necessitados—o que, contudo, não era corrente, pois as «Janeiras» representavam mais uma deferência, e uma oportunidade de raparigas e rapazes se juntarem e divertirem, do que propriamente um peditério. As castanhas e aquilo tudo que recebiam dava-lhes para

CONT. NA ÚLTIMA PAGINA

A' CABECEIRA DO OCIDENTE

"O Mundo está doído!" — ouve-se dizer com frequência. E é verdade. Mas quando tal se afirma tem-se em vista coisas assaz diferentes: tragédias, desvergonhas, disparates.

Já falámos bastante de tragédias. Falemos hoje de desvairos incruentas e de maluqueiras pitorescas. De que há-de ser? Ocorrem-me de momento o nudismo, o aspecto e hábitos de um grande número de jovens, os concursos de beleza, os bikinis e as mini-saias, as danças contorcionistas, o amor livre. E chega, porque o espaço não dá hoje para mais.

Ora bem. Eu tenho a impressão de que o nosso público, se exceptuarmos o amor livre, contra o qual ainda reage com vigor, lhes minimiza o alcance.

Sem dúvida há que distinguir. Alguns desses fenómenos são mais graves do que outros, evidentemente. Mas a todos atribuo grande relevância, embora com diversos significados, que catalogo assim: decadentismo; culto de feio; assevajamento e animalização.

Nada me repugna, por exemplo, rotular de meros sintomas de

VAMOS A FÁTIMA

- CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES
- PEREGRINAÇÕES DE TODO O MUNDO
- PEREGRINAÇÃO DA DIOCESE DE AVEIRO

QUEREMOS deixar a primeira palavra aqui, neste lugar de honra: VAMOS A FATIMA.

Celebra-se este ano o cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria. O ano jubilar abre em 13 de Maio de 1967 e encerra em 13 de Maio de 1968. Ao longo de todo este tempo, Fátima vai ser, mais do que nunca, o «Altar do Mundo». Estão programadas grandes solenidades e preparam-se numerosas peregrinações.

A Mensagem de Fátima precisa de ser mais conhecida e vivida por todos nós. Ainda há pouco o repetiram, em Pastoral Colectiva, os nossos Bispos.

Portugal irá este ano ajoelhar aos pés da Virgem de Fátima, Rainha do Mundo, Mãe da Igreja.

As peregrinações serão organizadas por Dioceses. Assim, a nossa Diocese de Aveiro terá a sua peregrinação em 4 de Junho.

Oportunamente, conforme nos for possível, daremos todas as necessárias informações sobre esta jornada. Para já, repetimos, em forma de apelo, que Nossa Senhora há-de ouvir e abençoar: VAMOS A FÁTIMA.

V-O Transformismo e a Animalização do Homo Sapiens

escreve CARRAPATOSO DA COSTA

decadência, comuns a todas as civilizações em via de desagregação, as danças descompassadas e frenéticas, a histeria grotesca e danosa das recepções aos beatles e quejandos, as desordens sem finalidade conhecida nem causa racional. Temos de nos recordar de que no ano de 532 da era Cristã, por causa da fútil rivalidade desportiva entre verdes e azuis, rebentaram em Constantinopla, brilhante capital do civilizadíssimo Império Bizantino, tumultos de tal magnitude que vitimaram, com a respectiva repressão, mais de 30 000 pessoas.

Claro que aqueles actos são também selváticos, porque toda a decadência é, de algum modo, retrogradação. São manifestações da selvajaria regressiva dos civilizados.

Já o ruído intolerável de certos agrupamentos pseudomusicais, do tipo bicheza na medida em que lembra a gritaria do Palácio das Araras de qualquer recinto zoológico, tem meio por meio de

fealdade e de animalização. (Digo animalização porque os animais, incluindo os pássaros canoros, também são radicalmente incapazes de pôr em consonância as suas vozes; não digo assevajamento porque o ritmo dos batiques e similares tem o seu quê de atraente).

E o aspecto e maneiras dessa juventude guedelhuda, trapalhona e sebenta que hoje vagabundeia por todas as grandes capitais? Será apenas uma questão de moda, como pensam alguns? Não me parece.

Bem sabemos que através dos tempos não faltaram usos extravagantes, trajes bizarros, penteados estrambóticos. Porém a tirania da moda caracteriza-se pela sujeição meticulosa e servil dos seus adeptos a determinado figurino ou modelo. Ora esse comportamento, tolo mas ordeiro, situa-se nos antípodas da anarquia vestimental e capilar.

Deste modo não vejo forma de CONTINUA NA SEXTA PAGINA

PEÇO UM BOTA DE ELÁSTICO DE DESCULPA

NAS colunas deste jornal do dia 16 de Dezembro findo, advertimos o que poderá vir a suceder, se não estamos em erro, com o levar por diante a construção das duas projectadas pontes sobre o canal central da cidade, uma no local onde está o interessante e típico edifício da Capitania, que terá de ser demolido, e outra entre a Rua do Clube dos Galitos e o Rossio, com a conseqüente redução da largura do canal em cerca de dois terços, e o estabelecimento de comportas, destinadas a criar o chamado «espelho de água».

Começemos por estranhar que a Junta Autónoma do Porto e a Capitania, em 1950, tivessem imposto ao Ministério das Obras Públicas um condicionalismo de tal ordem à ponte-praça que a converteram numa lomba de fraca presença, com o argumento de que era imprescindível deixar livre trânsito à navegação, e, a poucos anos de distância, abandonem esse critério, segundo consta, e permitam que as futuras pontes fiquem a pouca altura das águas da Ria, tão baixas são as cotas de nível dos terrenos marginais onde irão terminar as testas dessas obras de arte. Custa-nos a acreditar que se vá vedar o canal da cidade a todas as embarcações, tornando-o um lago desprovido de todo o movimento fluvial, única coisa que lhe dá vida. Como no mundo presente tudo é possível, é caso para repetir uma frase muito corrente no país vizinho: yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.

Seja como for, o certo é que a advertência feita por nós nestas colunas, há pouco mais de um mês, não despertou fosse quem fosse, pelo que deduzimos que o problema foi visto com excessivo pessimismo ou não tem interesse algum.

Resta «recolher o nosso espírito», como diria Camilo, e desde já pedir imensa desculpa de tão intempestivo alarme.

CONTINUA NA OITAVA PAGINA

Tem caído neve em abundância. Estende-se a toalha branca sobre os montes e vales, cobrindo os campos e as estradas, flagelando povoados.

Apesar disso, é belo o espectáculo da neve. Muitos o procuram para regalo dos olhos. E às vezes, na dobra dum caminho, na extensão duma colina, lá ao alto do Marão ou da Estrela, encontram-se sugestivas imagens como esta que o consagrado artista Marius nos envia de Vila Real. Talvez convite para uma pausa na vida, diante da grandeza dum sinal...



TERRAS

da nossa TERRA

Boletins Paroquiais

Publicam-se na Diocese de Aveiro, há mais ou menos anos, diversos boletins paroquiais. Alguns alcançaram já bastante nomeada, outros têm encontrado certas dificuldades para a sua sustentação e expansão, mas todos se esforçam por bem servir o público a que se destinam, constituído, essencialmente, pelos habitantes da freguesia e pelos ausentes, sobretudo no estrangeiro.

Os boletins são uma espécie de voz comum, eco do campanário, elo de ligação entre todos os membros da mesma família. Podem, assim, fazer muito bem e realizar um óptimo apostolado.

Pensou-se, há tempos, em fazer uma federação dos boletins paroquiais existentes na Diocese. Livrementemente, poderiam dar a sua adesão os que quisessem, encontrando porventura vantagens no novo sistema, que consiste na publicação de algumas páginas comuns e outras próprias de cada terra, mantendo até os títulos ou nomes já consagrados.

Depois de vários encontros dos respectivos responsáveis com o sr. Vigário Geral da Diocese, encarregado de coordenar esse trabalho, deram a sua adesão os Párcos de Anadia, Cacia, Esgueira, Fátima, Gafanha da Nazaré, Pardilhó e São Bernardo.

Dentro do espírito e do programa da federação, saíram esta semana os seguintes jornais: «Voz da Paróquia (Cacia)», «Paróquia de Esgueira», «Boletim Paroquial Pardilhó», «O Povo de Deus na Paróquia de São Bernardo» e «Timoneiro», da Gafanha da Nazaré. Espera-se que no próximo mês comecem os restantes e porventura outros.

Nos números já publicados o Senhor Bispo de Aveiro escreveu uma palavra de aplauso e de bênção.

«Correio do Vouga» dirige saudações aos seus colegas e promete-lhes toda a possível colaboração.

SEVER DO VOUGA

Tomou posse a nova direcção dos Bombeiros Voluntários. Preside, em substituição do sr. Norberto Lopes da Silva Lobo, o sr. Manuel Joaquim Marques.

Igualmente tomou posse a nova direcção da Misericórdia, presidida pelo sr. Flávio Macedo.

SANGALHOS

Na povoação de Fogueira, desta freguesia, caiu a um poço a sr.ª Maria Tavares, de 60 anos, casada com o sr. Adelino Simões de Melo, comerciante naquela povoação. Não morreu porquê, ao vir à superfície da água, agarrou-se ao cano da bomba e manteve-se assim durante duas horas. Quando os seus familiares e pessoas vizinhas a encontraram, lançaram-lhe cordas, mas ela não despegava as mãos do referido cano. Foram, por isso, solicitados os Bombeiros Voluntários de Anadia que, prontamente, compareceram no local com todo o material adequado. Mas, entretanto, um indivíduo, de nome Alexandre Joaquim Rodrigues, desceu ao poço e, lançando-lhe uma corda por debaixo dos braços, conseguiu içá-la.

Missão Regional

NA GAFANHA DA ENCARNAÇÃO

Tendo principiado no dia 2 do corrente, terminaram no passado domingo os trabalhos da Missão Regional na freguesia da Gafanha da Encarnação, a que já nos referimos no último número deste jornal.

No dia do encerramento, o Senhor Bispo esteve presente, mais uma vez, para realizar também a visita pastoral, com os actos e o programa habitual. Durante a semana crismaram-se 284 pessoas.

Sua Ex.ª Rev.ª, na tarde do domingo, após a visita ao lugar e à capela da Costa Nova, ainda foi a casa de 15 doentes e velhinhos, que não puderam deslocar-se à igreja paroquial.

NA GAFANHA DO CARMO

No próximo dia 22 encerra-se a Missão Regional de 1966-67; a última freguesia incluída para este inverno foi a da Gafanha do Carmo.

Como geralmente sucedeu em todas as paróquias, também nesta têm ocorrido muitos fiéis às conferências nas salas e na igreja.

O Senhor Bispo, que já se deslocou à Gafanha do Carmo por duas vezes para visitar os doentes e administrar o Santo Crisma, aí voltará hoje; o próximo domingo será preenchido com a visita pastoral.

ESTARREJA

O Pároco de Beduído, sr. Padre António Martins Belém, sairá na próxima semana para uma viagem à Venezuela, com o fim de visitar pessoas de família e seus paroquianos.

Com o último número, entrou no 14.º ano de publicação o boletim paroquial «Ecos da Ria».

Na Universidade de Coimbra, concluiu o seu curso de Filologia Germânica a sr.ª Dr.ª Rosa Maria de Oliveira Paradelo, filha do sr. Francisco de Castro Paradelo, natural de Ilhavo, tesoureiro de Finanças nesta vila, e da sr.ª D. Maria Nunes de Oliveira Paradelo. Vai agora seguir para a Alemanha, a fim de preparar a sua tese na Universidade de Munique.

SALREU

Salreu, 17—No dia 11, no Canto do Picota, com 64 anos, faleceu António de Amorim, ferroviário reformado, casado com Maria Dias Rodrigues.

No dia 15, no mesmo lugar, faleceu Raquel Rodrigues, de 81 anos, casada com Francisco de Oliveira.

Foi sepultada no dia 17 Lindrina Rodrigues da Silva, da Cavada, com 63 anos, casada com Américo Nunes Henriques. Faleceu no dia 16.

Por toda a freguesia se estende a campanha de auxílio ao Centro Paroquial, mediante quotas semanais voluntárias.

A Junta de Freguesia está empenhada em ajudar a resolver a questão do terreno para o Centro Paroquial.

O caminho das Ladeiras de Cima já está consertado. Os serviços da Câmara andam agora interessados em reparar o que vai pelas Pedreiras para o Casal. O nosso vereador tem encaminhado as coisas nesse sentido, visto ser uma obra de primeira necessidade—C.

ANADIA

Foi fixada em 453 735\$50 a base de licitação do concurso aberto pela Câmara Municipal para a empreitada do arranjo do jardim publico da vila.

Vão muito adiantados os trabalhos do mercado municipal, que representa um melhoramento da maior importância para esta vila e concelho. Esta obra deve-se ao esforço empreendedor do sr. Dr. Adelino Ferreira da Silva, o Presidente da Câmara em boa hora escolhido para desempenhar tão difícil cargo. A ele se devem já este e outros melhoramentos com que Anadia virá a ser dotada num futuro breve. Bom será que todos colaborem, para que Anadia continue a caminhar na senda do progresso.

ILHAVO

No Palácio de Belém foi há dias recebido pelo Senhor Presidente da República o antigo marítimo Manuel da Silva Peixe.

Acompanhado do sr. Almirante Henrique Tenreiro, o velho pescador, que andou durante mais de trinta anos embarcado nos navios de arrasto, pediu para que fosse o Presidente da República a colocar no seu peito uma cruz, que lhe foi oferecida pelos seus amigos e conterrâneos residentes nos Estados Unidos da América.

O Senhor Almirante Américo Tomás acedeu gostosamente ao pedido e dirigiu palavras de simpatia ao antigo marítimo.

Silva Peixe, que vive em Ilhavo, onde se tornou muito conhecido como poeta popular, agradeceu, depois, a honra que lhe foi concedida e formulou os seguintes votos:

«Que Deus vos dê um ano cheio de prosperidades, que o bem da paz volte para as nossas províncias ultramarinas, e que a nossa Goa mártir depressa venha a gozar a liberdade que perdeu.»

Mercê da boa vontade dos Presidentes das Câmaras de Ilhavo e Vagos e ainda da colaboração dos proprietários dos terrenos a expropriar para a construção do troço rodoviário entre Moitinhos e Salgueiros, parece que tudo se encaminha para uma solução satisfatória, o que traria benefícios de monta para os povos dos dois concelhos amigos e vizinhos e ainda para os habitantes da rica e bela região bairradina.

Muito em breve, se possível talvez ainda em Janeiro, realizar-se-á, no Centro Paroquial, o 2.º Curso de Preparação para a Matrimónio.

Durante o inverno, as Missas dominicais são às 7.30, às 9, às 11, às 17 e às 19 horas.

Vai realizar-se em breve um Curso Bíblico na paróquia.

O Pároco e um dos Coadjuutores, sr. Padre Georgino Rocha, reuniram-se, em Coimbra, com 18 universitários de Ilhavo. É extraordinário o alcance desta iniciativa.

Por motivos de saúde, deixou de ser capelão do lugar da Ermida o sr. Padre Manuel de Campos, que ali prestou serviço durante quase 40 anos.

Foi nomeado Subdirector da Secção da Escola Técnica o nosso conterrâneo sr. Dr. Manuel Marriero.

MURTOSA

Foi condecorado por actos de heroísmo em combate e superiores qualidades de comando na provin-

UMA NOVA «EVA»

A nossa distinta amiga e ilustre colaboradora D. Carolina Homem Christo acaba de lançar, conforme há tempos já referimos, uma nova revista, uma nova «EVA». Podemos garantir que se trata de uma publicação inteiramente remodelada, feita ao gosto das camadas da gente nova, sem perder o nível mental e literário que sempre a distinguiu.

A antiga «EVA» desdobrou-se em duas edições: uma pequena, mensal, com a inovação de trazer dentro, em separado, uma foto-novela pela primeira vez feita em Portugal a cores, além de muitas secções inéditas e novos aspectos de paginação; outra, trimestral, com mais de 100 páginas, de grande formato e muito colorida, de nível mais alto, dirigida a um público menos jovem e mais clássico, o que a não impedirá de ser moderna em tudo.

Este o ponto fundamental da questão: uma revista com 42 anos de existência, sempre na primeira fila, e que arrojadamente se desdobra em edições diferentes para públicos diferentes.

Carolina Homem Christo é uma jornalista com mais de 50 anos de trabalho e de iniciativas. Mulher que sempre lutou e venceu. Parece-nos, realmente, que é preciso uma certa coragem para meter ombros à reforma total de uma revista. Essa coragem não faltou, uma vez mais, à nossa boa amiga e aos seus colaboradores. Assim, a nova «EVA» surgiu. Surgiu e vai triunfar. E nós o desejamos, sinceramente, com a melhor camaradagem.

cia de Angola o nosso conterrâneo sr. Major-paraquedista Sílvio Jorge Rendeiro de Araújo e Sá. O distinto militar, que é um dos maiores valores das nossas forças armadas, foi já por três vezes a Angola, — duas em missão de soberania e uma na qualidade de Secretário do Subsecretário da Aeronáutica.

MOITA

A Junta de Freguesia concluiu as obras de remodelação do lavadouro no lugar da Junqueira, que ficou higiénico e cómodo e vem trazer imensos benefícios à população do pitoresco povoado.

Prosseguem as obras de pavimentação e alcatroamento da estrada municipal de Vale da Mõ.

Também a estrada de Vale de Avim precisa de urgente reparação. A Câmara de Anadia está a tratar da elaboração do projecto.

GRANDE SALDO

POR MOTIVO DE OBRAS

FAZENDAS - MALHAS - CAMISARIA, ETC.

CAMPOS

AVEIRO

A' CABECEIRA DO OCIDENTE

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

atribuir ao veste-como-calha outro significado que não seja o do amor do feio—um dos traços mais estranhos e desconcertantes desta época.

Por sua vez, que dizer do nudismo? Desvergonha, sem dúvida, e falta de juízo. Mas não só. Quando a armada de Cabral chegou à Terra de Santa Cruz, os incolos andavam completamente nus, como ainda agora nos recessos da Amazônia e do Mato Grosso; e assim assistiram, surpresos e respeitosa, à primeira Missa campal que ali se celebrou. Mas eles estavam nus por mor da sua inocência e da canícula. Nos civilizados, todavia, que sempre se vestiram, a prática da nudez, salvaguardada a aberração herética de uma ou outra seita religiosa, só pode ser considerada retorno à selvajaria, quando não à animalidade, enlaçada, também neste caso, com a adoração do feio.

Obviamente mais agradável à vista do que um desses grotescos acampamentos de nudistas, os modernos concursos de beleza em que as concorrentes se apresentam de *maillot* nem por isso deixam de constituir manifestações de animalidade, uma vez que ali se vão apreciar apenas corpos, isto é, unicamente o que há de animal nas pessoas.

É certo que na primeira impressão nos trazem tão somente à ideia os mercados de escravos da antiga Roma. Mas que eram estes senão feiras de gado humano? Por consequência, reflectindo no caso, torna-se flagrante a analogia dos actuais concursos e dos antigos mercados (ambos de corpos de mulheres) com as exposições de pecuária, onde também se exibem sob todos os ângulos belas estampas e soberbos exemplares.

Alguns acharão o confronto violento. Se se lembrarem, todavia, de que aquelas raparigas, ao exporem apenas o seu físico (pois de momento nada mais se pode aquilatar) à apreciação dos espectadores, têm somente em vista um casamento rico ou uma boa proposta para funções de cinema, *cover-girl* ou manequim—isto é, pecúnia—talvez nos dêem razão.

Sucedem até que mais recentemente há propensão para, acumulando o imoral com o feio, as exibirem em *bikini*, tornando aquela espécie de espectáculo simplesmente repugnante—o que confirma essa outra nota característica do aviltamento contemporâneo que é a da inclinação para a fealdade.

Agora aproximemos o *bikini* e a mini-saia, deixando de parte os seus aspectos morais para considerar apenas os estéticos.

O *maillot*, além de ser elegante e bonito, se a envolver corpos bem feitos, ainda se justifica, nas praias, até certo ponto. (Eu sou dos que não comungam totalmente na condenação das praias como agentes de imoralidade. A luz intensa, a acumulação de gente, a brincadeira com as ondas, o frio da água são antídotos da libidinidade).

Mas aquelas tiras ou trapos bipartidos, a cortar transversalmente a harmonia das formas femininas, são um perfeito exemplo da falta de vergonha, senso e gosto desta nossa era. Destinados, no fundo, a servir exclusivamente de chamariz sensual, até se tornam contraproducentes para quantos possuírem uma sensibilidade saudável e equilibrada.

E o mesmo se pode dizer da disforme e ridícula mini-saia.

No entanto, a meu ver, de todas as formas de desvair desta nossa idade, a mais grave, a mais significativa, é, de longe, muito de longe, a onda, avassaladora sobretudo entre as gentes nórdicas e germânicas, do chamado amor livre, sobretudo na modalidade *chiennerie*; porque a pior forma de bestialização numa sociedade é o amoralismo no comportamento sexual, quando o que era excepção tende para a regra.

Se aproximarmos de tudo isso, num relance, a arquitectura de caixotes que por aí prolifera e as monstruosidades pictóricas e escultóricas da pretensa arte moderna, é-se levado a concluir que o homem contemporâneo tende a com- prazer-se com o que é feio, puxa

para a animalidade e avilta-se com prazer.

As pessoas desnudam-se, espojam-se, rebaixam-se, berram, escouceiam, precipitam-se sem saber para onde, reúnem-se para contemplar embasbacadas boriacheiras pseudo-artísticas ou até nada (isto é, coisas que não estão lá, como as vestes do rei na fábula), juntam-se para destruir sem motivo plausível e amam-se... como os irracionais.

Ora eu tenho para mim que um dos responsáveis por este pandemónio, na parte respeitante à tal animalização, é o... Transformismo. Esse o aspecto curioso e ameno da calamidade. Lembremo-nos de que ele é irmão de leite do Racionalismo... Ambos foram amamentados na primeira infância a livre exame, alimento de cabritos que provoca as mais estranhas cabriolas mentais.

Claro que não nos propomos fazer agora a crítica do Transformismo ou Evolucionismo Biológico. Seria estultícia tentá-lo num único artigo de jornal. Nem seria assim tão necessário expor aqui as teses transformistas, pois o que importa é a ideia que o vulgo faz dessa doutrina.

Ideia desde logo errada, na medida em que a tem por uma aquisição da ciência, uma certeza, quando a verdade é que não passa duma hipótese científica que nem sequer se baseia em factos mas apenas em coisas. Nunca ninguém viu uma espécie biológica em transe de se originar ou de se transformar. Apenas se tem podido ver fósseis, esqueletos, ossos, dentes, a maior parte das vezes simples fragmentos. É uma doutrina que se baseia, em suma, como todas as hipóteses, mesmo científicas, em meras suposições; e que se ampara a similitudes, as quais, por muito flagrantes que fossem (não o são tanto como se julga, longe disso), constituiriam algo de muito diverso de um aparentamento generativo. Doutrina de

uma dialéctica tão temerária e frágil como a de quem concluisse que, pelo facto de um individuo ser o perfeito sócia de outro, tem por força de ser seu irmão...

Mas deixemos isso. O que o vulgo reteve e fixou, de modo mais ou menos consciente, foi uma trapalhada deste género: descendemos do macaco, nosso mano e avô; somos irmãos dos brutos; não há distinção qualitativa entre o homem, animal racional, e os outros animais; e todos os seres vivos haveriam tido como ponto de partida... uma primeira partícula inanimada. (A forma como desse pedacito de matéria poderia ter resultado a perfeita maia-vilha, duma complexidade prodigiosa, que são os organismos do homem e dos outros animais superiores, parece não ser problema...).

Não é, assim, difícil detectar as radiações da doutrina transformista sobre a mentalidade contemporânea nem a influência degradante que aquela convicção sobre a sua afinidade fundamental com os irracionais terá produzido no homem comum. Esses efeitos haviam de ser, pelo menos, a tendência para a irresponsabilidade e a complacência com toda a espécie de instintos e impulsos—que, coitados de nós, afinal simples animais, não teríamos qualquer possibilidade de dominar!

É que esse conceito de irmandade com os bichos... é de sinal oposto ao de S. Francisco de Assis: o do Santo, nas suas efusões, que eram sublimação da caridade e enlevo místico perante a obra admirável do Criador, como que *humanizando* os animais por serem também *criaturas* de Deus; o do transformista ali da esquina *animalizando* os homens, que descenderiam, ao fim e ao cabo—passando, em ordem inversa, pelos primatas superiores, os mamíferos em geral, os répteis, os anfíbios—dos nossos avós peixes, isto é, de qualquer besugo pré-histórico.

Carrapato da Costa

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

Para cumprimento dos Estatutos, convido todos os Ex.^{mos} Sócios do Sport Clube Beira-Mar, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede deste Clube, no próximo dia 27, pelas 21 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Proceder-se à eleição dos Ex.^{mos} Membros que deverão constituir o Conselho Geral para o triénio de 1967/69.

De acordo com o parágrafo 1.º do Art.º 41.º dos Estatutos, não estando presentes a maioria absoluta de Sócios, conforme indicação do Art.º 35.º, a Assembleia funcionará numa hora depois com qualquer número e no mesmo local.

Aveiro, 16 de Janeiro de 1967.

O Presidente da Assembleia Geral,
Egas da Silva Salgueiro

Vende-se

Bonita arca, estilo Renascença.
Informa na Redacção.

CASA

na Rua de Sá, vende-se.
Nesta Redacção se informa.

Dr.ª Maria Fernanda Pinto Basto Graça
Médica especialista
Doenças de Senhores Ginecologia

CONSULTÓRIO:
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 89 1.º Esq.

CONSULTAS:
2.ª, 4.ª e 6.ª, das 15 às 19 horas

TELEFONES:
Consultório — 2 4 4 5 8
Residência — 7 2 1 4 0
7 2 0 2 7

A V E I R O

DR. SANTOS PATO
MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças de Senhores — Operações

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras
das 15 às 19 horas

Av. Dr. Lourenço Peixinho

AVEIRO

Tel. 25182

Oferece-se

Empregado com prática de balcão.
Informa esta Redacção.

Rés do chão PRECISA-SE

Na cidade, para estabelecimento com ou sem mostra.
Informa esta Redacção.



CAVILHAS E FREIOS

Elásticos em aço de mola especial

«STOCK» PERMANENTE DE TODAS AS MEDIDAS

Consultem:



RUA DE SANTOS POUSADA, 650
— PORTO —

Dr. Mário Sacramento

MÉDICO - ESPECIALISTA

Aparelho Digestivo

Radiodiagnóstico

DOENÇAS ANO-RECTAIS
(HEMORROIDAS)

Av. de Lourenço Peixinho, 50 - 1.º
Telefone 22706

AVEIRO

DR. COSTA GANDAL

MÉDICO ESPECIALISTA
EM DOENÇAS DOS OLHOS — OPERAÇÕES

Consultas das 10,30 às 13 e das 15 às 19 h.

Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 64
(Defronte do Banco Português do Atlântico)

Telefones { 2 2 5 6 5 — CONSULTÓRIO
2 2 3 0 2 — RESIDÊNCIA

AVEIRO

Armazém aluga-se

Servindo para qualquer indústria. Local: ao pé da DANKAL. Falar com Manuel Gonçalves Sarrico Santiago — AVEIRO

Paquete

Precisa-se. Nesta Redacção se informa.

UM SÓ GAMINHO NÃO SERVE PARA A CARINA



O DA OFICINA

CARINA S 170

UM PRODUTO DA LINHA CASAL

METALURGIA CASAL, SARL

ESTRADA DE TABOEIRA — TELEFONE 24290 — APARTADO 83 — AVEIRO



ROAMER
OF SWITZERLAND

A linha da nova era
PORQUE É QUE O NOVO ROAMER AUTOMÁTICO É UM RELÓGIO EXTRAORDINÁRIO?

... porque possui 44 rubis funcionais e um rotor assente numa plataforma de esferas.

... porque a caixa especial, muitas vezes patenteada, assegura absoluta impermeabilidade à água e à poeira.

OURIVESARIA AIRES — Rua Coimbra, 11 — Telef. 22115 — **AVEIRO**
(junto à Confeitaria Peixinho) (Membro da organização internacional ROAMER)

A adubação da batata

é uma prática indispensável!

Os adubos compostos

FOSKAZOTO 10-10-10

FOSKAZOTO 7-14-14

ATLÂNTICO REFORÇADO 12-11-8

umentam a produção e melhoram a qualidade

LISBOA
Rua Vitor Cordon, 19
Telef. 36 64 26



REVENDEDORES:
Marabuto & C., Lda. — Aveiro
Rua Hintse Ribeiro, 53
Telef. 22071
A Central de Estarreja — Cereais e Legumes Lda. — Estarreja
Telef. 42164

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar

CURSO RÁPIDO

EFICEX KIENZLE

Porque lhes oferecemos 3 cursos absolutamente modernos, que lhes facultam uma aprendizagem segura e actualizada

4 semanas — **DACTILOGRAFIA**
5 semanas — **CONTABILIDADE**
8 semanas — **INGLÊS-FRANCÊS**

Recursos Mecânicos
Para a «Automação»

ESCOLA DE DACTILOGRAFIA DA MECANOGRÁFICA

RUA GUSTAVO FERREIRA PINTO BASTO, 2 - TELEFONE 22883 - AVEIRO

TRESPASSA-SE

RESTAURANTE PINHO

Largo da Praça do Peixe

AVEIRO

Oculista VIEIRA

Óptica Médica desde 1946

A maior Casa do País na Província no fornecimento de óculos por receita médica de toda a espécie

Pessoal técnico altamente especializado

OCULISTA VIEIRA

Rua Viana do Castelo, 21 (Esquina)
Frente aos Armazens de Aveiro

Telef. 23274 P. P. C.

AVEIRO

Centro Particular de Transfusões de Aveiro

JOÃO CURA SOARES

Médico

Ex-Estagiário do Serviço de Sangue do Hospital Santa Maria

Serviço permanente de Transfusões de Sangue

TELEFONES { de Dia 22349 { Domingos 24800
de Noite 24800 { Feriados 22289



DINHEIRO!...

COLOQUE-O BEM
135 CONTOS

rendem-lhe 900\$00 mensais, garantidos por 1 ou 12 anos!

Qualquer outra importância poderá render-lhe 8 a 10%.

Andares e apartamentos de variadíssimas divisões e preços, com ou sem garantias de rendimento, e com facilidades de pagamento. Vendemos directamente

oficiais, incluindo beneficiários das Caixas de Previdência.

Propriedade, Construção e Venda de

J. PIMENTA, LDA.

Escritórios { **LISBOA** — R. Conde de Redondo, 53, 4.º Esq. - Tels. 45843 e 41843
QUELUZ — R. D. Maria I, 30 - Telefones 952021/2
AMADORA — Reboleira (Cidade Jardim), frente à Academia Militar
Serviço Permanente - Telefone 933670



ALELUIA

Experiência e tradição
ao serviço
da Cerâmica

Veude-se por 18.000\$00

Fourgoneta Fiat, a gasoil, mista carga máxima 1.400 quilos — 8 passageiros fechada com janelas — raio de acção 100 Kms. Frapil, S. A. R. L. — Cais S. Roque
AVEIRO

Árvores de fruto seleccionadas

As mais lindas

ROSAS premia-

das em

concursos

Internacionais

Geméias, arbustos,

arvoredos, bolbos,

sementes de flores

e hortaliças.

PLANTAS
AS NOSSAS
ÁRVORES
E COLHEREIS OS
MELHORES FRUTOS
CATÁLOGOS GRÁTIS

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & FILHOS, Lda

Viveiristas autorizados n.º 3

Rua D. Manuel II, n.º 55 — PORTO

Teleg. Roselândia — Telef. 21957

ANUNCIE NO «CORREIO DO VOUGA»

Leia o «Correio do Vouga»

POSTAL de algures

PARA evitar possíveis confusões menos canónicas daquilo que vou dizer, deixa-me, Bom Amigo, que te defina a palavra Humor: é a predisposição (capacidade natural) para simpatizar (entrar em contacto ou comunhão) com as coisas (situações) engraçadas, divertidas. E acrescento: é um sorriso compreensivo, uma graça feita bondade, uma aproximação comunicativa e bem disposta. E, posto isto, já te digo ao que venho.

Numa revista — que não era portuguesa — lamentava-se que no Concílio Vaticano II não tivesse aparecido para discussão ou troca de impressões mais um esquema de trabalhos, e este sobre o Humor de Deus. Eu também lamento, mas só agora, só depois de ter lido o tal artigo.

Ora vê lá tu, e diz-me se não havia de ser um esquema de trabalhos fecundo, interessante, actual e... sério. Sim. Mesmo muito sério: Deus sorrindo paternalmente de mim, neste momento, no momento em que escrevo sobre o Seu humor; olhando divertido para estas linhas, batendo-me no ombro.

E Sua graça comunicativa perante as minhas faltas, as que sei serem fruto da minha maldade: no meu arrependimento choroso, o carinho simpático de Deus! «Homem, por que choras?... Bem... desabafa e não tornes a meter-te noutra». É claro que o Humor de Deus vai até ao ponto de saber que daqui a pouco estou a fazer a mesma tolice ou outra ainda maior.

O humor, a graça, o sorriso paternal de Deus diante dos esforços dos homens que pretendem ir à Lua! E quando eu meço as minhas virtudes, os meus sacrifícios, as minhas orações!... Deus achando engraçadas as crianças que berram, e os homens que são crianças. E ainda: o Humor de Deus e as Mulheres...

Mais capítulos deste esquema de trabalhos: o Humor de Deus e a Guerra; o Humor de Deus e a Fome; o Humor de Deus e a PIDE; o Humor de Deus e os Bêbedos; o Humor de Deus e os «Beatles»; o Humor de Deus e as Mini-Saias; o Humor de Deus e...

É claro que nunca mais acabáramos. O esquema é rico, fecundo, amoroso, interessante, sério. Sim, meu Amigo, mesmo muito sério.

Foi em revista católica, apostólica, romana que eu li a palavra sobre o Humor de Deus, lamentando que no Concílio Vaticano II... E logo no número do mês seguinte lá vinha um comentário de leitor atento e... humorista (tinha aprendido a lição) sobre o Humor de Deus e os Padres. Só te digo, meu Amigo, que fiquei encantado. E Deus também, tenho a certeza.

Ouve cá, e muito em segredo: e se nós imitássemos o Humor de Deus, ao menos... ao menos nas nossas relações com os outros? Que tal, hein?!...

JOÃO



CORRE SANGUE NA ESTRADA

A Rádio Televisão Portuguesa tem sugerido à Imprensa Regional, no seu oportuno programa «Sangue na Estrada», que entre também, decididamente, na campanha contra os acidentes de viação, esclarecendo, ensinando, prevenindo. Os números, na verdade, são de arripiar. Corre sangue por toda a parte. Corre sangue nas estradas do nosso distrito e mesmo aqui na cintura da cidade. Todos os dias. E se nós damos conta dos desastres de que temos conhecimento, é sobretudo para chamar a atenção dos menos cautelosos. Quando arde a casa do vizinho...

Era, pois, nosso propósito — na sequência, aliás, de colaboração anterior — secundar a utilíssima e desassombada campanha da RTP, feita por Joaquim Filipe Nogueira. Chegou-nos, entretanto, assinado por UM VELHO AUTOMOBILISTA, o simples e pequeno escrito que a seguir se publica. Querem outros vir às colunas do nosso jornal?

É deveras impressionante o número de desastres que diariamente se registam nas nossas estradas. Apesar da campanha que se tem feito através da Imprensa, da Rádio e da Televisão, e da acção constante da Polícia de Viação, os desastres não diminuem de frequência.

Faço por vezes viagens bastante longas e tenho por isso a oportunidade de observar a falta de respeito que constantemente se nota pelos mais rudimentares princípios e de simples regras de trânsito: — carros ligeiros que nas curvas entram perfeitamente fora de mão, ultrapassagens que denotam uma falta absoluta da noção de segurança e de respeito pela vida alheia, velocidades impróprias para as nossas estradas, sobretudo no Norte, onde os acidentes de terreno são tornam bastante perigosas não só pela inclinação como pelas curvas e contracurvas a que o traçado dessas vias tem que obedecer, etc., etc. Além disso, alguns automobilistas criam, por vezes, um complexo de superioridade que os leva a fazer ultrapassagens não só para mostrar a sua perícia mas também a superioridade do seu veículo.

Aqui há tempos, em viagem do Porto para Aveiro, atingi, numa resta, a velocidade de 100 quilómetros hora; pois um carro que

vinha atrás de mim pediu-me passagem e ultrapassou. Para quê? Para parar 800 a 1000 metros à minha frente...

As motorizadas seriam um ótimo meio de transporte se aqueles que as utilizam pudessem conseguir fazer a noção do perigo que tal meio de transporte representa. Usam e abusam da velocidade, esquecendo que uma pequena porção de areia, a estrada húmida, uma derrapagem, são frequente numa curva, podem causar um acidente de consequências funestas.

Nas camionetas nem é bom falar... Seguem quase sempre pelo meio das estradas, entram geralmente nas curvas fora de mão, o que de resto não admira porque se torna mais fácil a manobra de vido ao seu tamanho.

A Polícia de Viação procura cumprir os seus deveres em defesa da vida de todos nós, mas nota-se por vezes que a sua acção é contrariada pelos próprios indivíduos a quem defende, avisando os automobilistas que encontram ao longo da estrada. Ignoram ou parecem ignorar o trabalho humanitário que ela representa para a defesa das vidas de todos nós, chamando-nos a atenção para certos desvios que, às vezes, e até impensadamente, cometemos.

Já repararam na diferença de tempo que levamos a fazer um

AS "JANEIRAS,"

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

eles depois se reunirem, fazerem magustos, cantar, bailar e petiscar à sua vontade. E havia despique, entre grupos, alguns dos quais se organizavam dias antes para irem mais afinados e com melhores quadras.

Era bonito. E não eram só os humildes que iam cantar as «Janeiras» à porta dos ricos. Também se formavam grupos de «gente bem», como se diz hoje, que percuravam as casas dos amigos cantando as «Janeiras» que acabavam nuns cháshinhos da meia noite, — a hora clássica dos chás dessa época nas casas onde se ia passar o serão — com muitos bolos, os famosos doces de ovos de Viseu que foram uma delícia, as torradinhas, enfim, pequenas reuniões íntimas em que se encontrava bastante mais amizade e afluência de uns para os outros do que nos «reveillons» de hoje, em que multidões de desconhecidos se acotovelam com soberana indiferença.

DOIS LICEUS DO PORTO COM CAPELA E SANTÍSSIMO

Vimos a notícia, acompanhada duma fotografia, no semanário «A ORDEM», do Porto: o Liceu Alexandre Herculano e o Liceu Feminino Rainha Santa Isabel, da mesma cidade, passaram a ter capelas com o Santíssimo Sacramento. O Bispo da Diocese esteve presente na inauguração e benzeu os edifícios. Actos simples, mas cheios de significado.

E o jornal comentava: «Ainda bem que num país tradicionalmente católico se começa a proporcionar aos estudantes a oportunidade de se recolharem nas horas de dúvida e de incerteza e de pedirem a protecção do Senhor».

Se rejubilamos com este facto, pensando no seu alcance, começamos a desejar que também os estudantes de Aveiro venham a dispor do mesmo benefício.

Referia ainda a notícia que aqueles estabelecimentos foram os primeiros do país a ter capela nas suas instalações. Pois outros se lhes não-de seguir.

OUTRA VEZ O NOSSO LOUVOR AOS MISSIONÁRIOS LEIGOS

Outra vez, na Missão Regional de Aveiro, prestes a terminar, os missionários leigos foram presença, testemunho, palavra, acção. Eles e elas, homens e mulheres com espírito de serviço, andaram por aí em noites seguidas, roubadas ao legítimo descanso e ao conforto do lar neste inverno de inclemências.

Os missionários leigos não quiseram substituir os padres. Nem podem. Mas eles também, chamados ao apostolado pela vocação baptismal, fizeram-se disponíveis nas mãos da Igreja, tão carecida de sacerdotes, para que aos povos não falte a mensagem da salvação.

Falaram nos salões, nos clubes, nas escolas, nas casas particulares. Falaram aos jovens e aos adultos. Foi geral o agrado e é agora enorme a gratidão de todos, com o Bispo da Diocese à frente.

certo percurso com grande velocidade ou com uma velocidade compatível com a nossa segurança e com a segurança dos outros? Num trajecto de 200 quilómetros poderemos poupar o máximo de 20 minutos. Valerá a pena? Lembremo-nos de que há SANGUE nas ESTRADAS...

UM VELHO AUTOMOBILISTA

É claro, a vida não pára, as modas mudam, e os anos sucedem-se com infalível e cruel pontualidade.

O anónimo «reveillon» francês substituiu os bailes tradicionais com que as velhas famílias portuguesas e os clubes de nomeada de cada terra provinciana festejam a noite de S. Silvestre.

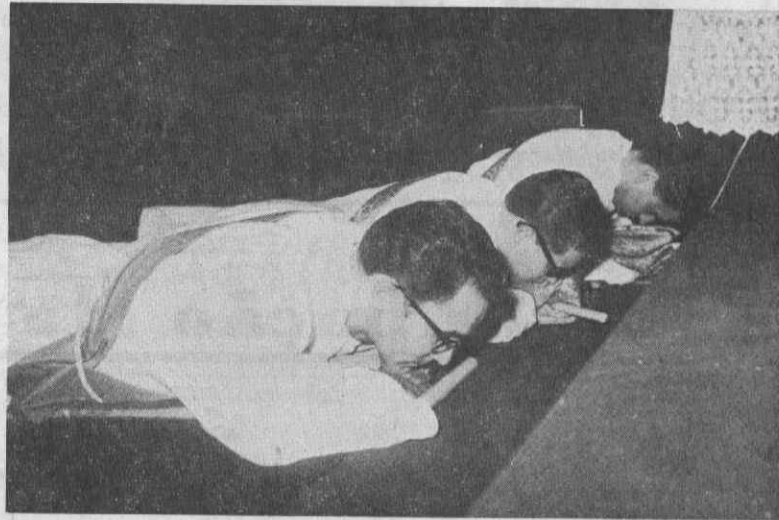
As «Janeiras, tão amáveis, tão cheias de encantadora simplicidade, foram-se, sem deixar sucessão.

E é pena que as bonitas tradições se extingam assim no meio da indiferença geral, pois além do valor social que algumas representavam e do seu encanto espiritual poderiam ter um forte interesse turístico.

Não seria interessante promover um movimento de ressurreição em cada terra, das suas mais belas e curiosas tradições?

Há-as tão bonitas e está tudo tão desaproveitado!

Carolina Homem Christo



Há pouco, no Pavilhão de Desportos de Ilhavo, três jovens prosternaram-se por terra e quase com a própria terra se confundiram. O Bispo da Diocese ungiu-lhe as mãos, pronunciou as palavras sacramentais e beijou-os na face: ficaram sacerdotes, para o serviço do Povo de Deus. Sacerdotes para sempre.

Feito na humildade e no sacrifício, há-de ser de glória o seu apostolado. Assim o desejamos.

PEÇO DESCULPA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

Também, cinco meses antes de se iniciar a construção do edifício da Praça da República, que tanta celeuma levantou, chamámos a atenção para a mutilação que a praça ia sofrer e o descentramento do monumento a José Estêvão, mas então, como agora, não nos ouviram. Se exibíssemos um canudo de engenheiro ou de arquitecto, talvez a nossa voz encontrasse eco, mas «um bota de elástico» não tem cotação na roda dos super-homens. Contentemo-nos com a nossa condição. E bem bom.

Só mais tarde, perante o irremediável, é que surgiram os clamores, a ponto de um articulista atirar-se à Comissão Municipal de Arte e Arqueologia (e não Comissão de Estética, que não existe) como Santiago aos Mouros, sem previamente ter-se assegurado se a referida Comissão, criada ao abrigo dos artigos 110.º e 113.º do Código Administrativo em vigor, tinha, de facto, responsabilidade na construção do imóvel que ficou incrustado no prédio do Banco Regional.

Infelizmente, a citada Comissão é apenas um órgão consultivo do Município. Pode rejeitar determinado projecto, e a Câmara, dentro das suas atribuições, aprová-lo sem reticências.

A Comissão Municipal de Arte e Arqueologia reprovou a fachada da «Casa dos Magistrados», e julgamos saber que a própria vereação pronunciou-se no mesmo sentido. De nada valeu. A imposição veio de cima e, uma vez mais, a tónica da apregoada autonomia dos Municípios sofreu profundo rasgão nas suas prerrogativas. O bloco de prédios da Rua do Príncipe Perfeito, em ala contínua, cêrcia ajustada ao local, e com uma bela harmonia de fachadas, ficou prejudicado no seu conjunto.

É claro que o grande público desconhece estes pormenores, de modo que inventa um pára-raios onde descarregar o seu descontentamento.

Quem ocupa lugares de direcção (anote-se o que se passou com o digno Presidente do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo) está sujeito a engolir muita coisa de que não gosta e, ainda por cima, a ser vítima inocente dos seus concidadãos.

É preciso possuir um vivo sentimento pelo bem comum para suportar os espinhos do cargo e não esmorecer, não desertar, não desertar. Poder falar e ficar calado; submeter-se para que a colectividade não fique privada de futuros benefícios; continuar a servir as realidades vivas que são a freguesia e o concelho e o distrito e a Nação, sempre com patriotismo e isenção, é dar à vida um conceito elevado de nobreza moral que nem todos compreendem. Todavia, estes são os requisitos indispensáveis aos dirigentes, aos que servem a causa pública.

Avalia bem esse sacrifício

UM BOTA DE ELÁSTICO

ANO XXXVII — NÚMERO 1831 — AVEIRO, 20-1-1967 AVENÇA

47

A
Biblioteca Municipal

AVEIRO